

Capítulo 1

Maria vai com as outras

A viragem para o século XX assistiu a um importante aumento das partidas de migrantes portugueses. Não sendo um fenómeno novo, a migração transatlântica portuguesa ganhou novo ímpeto como parte de uma expansão da mobilidade geográfica à escala mundial, expansão essa impulsionada por forças sociodemográficas, pela internacionalização dos mercados de trabalho e pelos progressos no âmbito dos transportes marítimos. No Algarve – a região localizada no extremo sul de Portugal –, a migração tornou-se o caminho escolhido por um número crescente de homens em idade activa, o que resultou em números de partidas transatlânticas jamais registados até então.¹ Esta nova tendência ascendente atraiu a atenção de observadores contemporâneos e foi amplamente debatida na imprensa regional. Os jornais noticiavam regularmente o grande aumento da migração ultramarina e discutiam, muitas vezes em tom alarmado, o impacto da mesma sobre a demografia e a economia da região. «A continuar a emigração dos algarvios n’esta escala progressiva, a nossa província despoeva-se em pouco tempo», advertia um jornal regional em 1909.² Muitos observadores contemporâneos entendiam este aumento da migração ultramarina como mais uma manifestação das eternas crises políticas e económicas do país e como um claro sintoma dos seus problemas estruturais. Outros explicavam o fenómeno por meio de metáforas patológicas, como a da disseminação da «febre migratória», ou recorrendo a imagens tradicionais que evocavam atributos primordiais dos Portugueses, como o gosto pela aventura e o espírito empreendedor. «A

¹ Joel Serrão, *A Emigração Portuguesa: Sondagem Histórica*, 4.ª ed. (Lisboa: Livros Horizonte, 1982), 29-37; João Evangelista, *Um Século de População Portuguesa, 1864-1960* (Lisboa: Instituto Nacional de Estatística – Centro de Estudos Demográficos, 1971), 91-92, 94, 109, 114.

² *O Distrito de Faro*, 8 de Abril, 1909. Nesta e noutras citações manteve-se a grafia original.

Correntes de Ouro

febre d'emigrar que leva grande número dos nossos compatriotas para as Américas na cubiça do oiro tende a desenvolver-se», lia-se num artigo de jornal de primeira página em 1912. «A América é para eles a terra da riqueza e eles vão atrás do seu espírito aventureiro [...]»³

A par do seu rápido aumento entre a população rural, outro aspecto distintivo da migração ultramarina algarvia destacado pela imprensa regional na viragem do século XX era a sua manifesta preferência pela Argentina. De facto, esta característica representava uma clara mudança relativamente ao padrão prevalecente da migração transatlântica portuguesa. Portugal estava entre os países europeus com as mais elevadas taxas de emigração, ultrapassado apenas pela Irlanda em finais do século XIX, e pela Itália e a Escócia nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, quanto ao número de emigrantes por cada mil habitantes.⁴ Desenvolveu-se em diversas regiões uma cultura da migração e, aos olhos da classe trabalhadora, a emigração tornou-se um dos poucos caminhos seguros para a mobilidade social. A maioria dos migrantes portugueses partia para o Brasil, a antiga colónia portuguesa. Este movimento era facilitado por diversos séculos de contacto, uma tradição migratória bem estabelecida, a existência de oportunidades laborais para os migrantes europeus e o desenvolvimento de ligações comerciais e financeiras que incluíam uma fluida rede de transportes. O mesmo não ocorria, porém, no caso dos migrantes algarvios, a maioria dos quais, como observou o geógrafo Mariano Feio na década de 1940, não partilhava com outros migrantes

³ *Ecos do Sul*, 26 de Outubro, 1912. Os jornais usavam frequentemente a imagem de uma «febre» contagiosa de emigração para referir o aumento das partidas transatlânticas de finais do século XIX e inícios do século XX. Em 1890, o jornal *O Porvir*, de Olhão, usou-a para explicar a existência de uma importante «corrente» migratória dos distritos de Faro e Olhão para a Argentina. A «cubiça» causada pelo regresso dos migrantes bem-sucedidos no espírito daqueles que tinham ficado em casa estaria na origem da propagação da «febre da emigração» (9 de Março, 1890). Para outros exemplos da utilização desta imagem como explicação do aumento da migração, vejam-se, entre outros, *O Progresso do Sul*, 12 de Junho, 1892; *O Algarve* (Faro), 14 de Janeiro, 1912; *O Provinciano*, 19 de Setembro, 1920. A mesma metáfora era utilizada nas outras regiões de Portugal e em grande parte da Europa. José Moya considera que a generalização do seu uso em diferentes países denota a sua utilidade enquanto explicação da difusão geográfica da migração. Veja-se José Moya, *Cousins and Strangers: Spanish Immigrants in Buenos Aires, 1850-1930* (Berkeley: University of California Press, 1998), 95-117. Veja-se também Domingos Caeiro, «À cata da fortuna: a emigração portuguesa na imprensa periódica, nos princípios de novecentos», in *Olhares Lusos e Brasileiros*, org. Maria Beatriz Rocha-Trindade e Maria Christina Siqueira de Souza Campos (São Paulo: Usina do Livro, 2003), 13-46.

⁴ Dudley Baines, *Emigration from Europe, 1815-1930* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), 4.

Maria vai com as outras

portugueses «a miragem do Brasil».⁵ Em 1912, por exemplo, no pico da migração transatlântica, 9 em cada 10 migrantes de Portugal continental partiam para o Brasil; em contrapartida, 8 em cada 10 migrantes algarvios escolhiam a Argentina como país de destino.⁶

Como é que os observadores contemporâneos explicavam o facto de que, em acentuado contraste com o resto dos portugueses, a maioria dos migrantes algarvios partisse, nos termos de um jornal regional, «quasi exclusivamente para a grande República Argentina»?⁷ Para alguns observadores, a prevalência desta opção entre os migrantes algarvios só podia ser o resultado de um comportamento irracional ou mesmo patológico. (Em parte, esta noção denotava uma atitude geral de condescendência por parte da população urbana – representada pelos jornalistas – relativamente aos habitantes rurais, que constituíam a grande maioria dos migrantes.) Assim, um colunista do jornal *O Sul* caracterizava nos seguintes termos essa escolha de destino:

Grande parte, para não dizer a quasi totalidade do emigrante algarvio, vai para a República Argentina em que o clima é benigno mas onde encontra a concorrência asfixiante dos alemães e italianos. [...] Aqui o dizemos bem claramente: é um erro pensar que se vai encontrar lá fora a riqueza e felicidade que aqui se não acha, se se for à *aventura*, sem a devida preparação.⁸

Outro comentador, no jornal *O Heraldo*, optou por um tom irónico e por imagens de doença comportamental para explicar a preferência dos migrantes:

Convém notar que só à sua parte o Algarve representa dois quintos da emigração [portuguesa] para a Argentina! Pergunta-se: porque se encaminha a nossa emigração para essas regiões? Não se sabe. O que parece é dominar em muitos o contágio, que é como quem diz em bom português: *Maria vae com as outras*.⁹

Contudo, nem todos os comentários publicados na imprensa regional evidenciavam o mesmo tom condescendente. Alguns observadores entendiam a migração laboral como uma opção válida entre as possibilidades acessíveis à população trabalhadora do Algarve e como um modo

⁵ Mariano Feio, *Le Bas Alentejo et l'Algarve: Livret-guide de l'excursion E: Congrès International de Géographie, Lisbonne 1949* (Lisboa: Union Géographique Internationale, 1949), 113.

⁶ Portugal, Ministério das Finanças, Direcção-Geral da Estatística, *Emigração Portuguesa: Ano de 1912* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1913), 4-5.

⁷ *O Porvir*, 8 de Setembro, 1889.

⁸ *O Sul*, 29 de Setembro, 1912. Ênfase no original.

⁹ *O Heraldo* (Tavira), 9 de Novembro, 1912.

Correntes de Ouro

de lidar com as limitadas oportunidades económicas do país. Em vez de aludir a um comportamento irracional ou meramente imitativo, esta visão alternativa caracterizava a migração transatlântica em geral, e a migração algarvia para a Argentina em particular, como uma estratégia laboral baseada numa cuidadosa ponderação das opções disponíveis e no desenvolvimento de uma tática com vista a tirar proveito das condições favoráveis dos mercados de trabalho ultramarinos. Nesta linha, num artigo de primeira página sobre o aumento da emigração publicado em 1912 no *Distrito de Faro*, podia ler-se:

O trabalhador algarvio não supporta contrariedades [...] logo que não tem trabalho, ou não ganha bem, emigra, e, como na Argentina tem parentes e amigos, vae com a maior confiança possível, e os nossos campos despovoam-se [...] o operario rural só ficará, se lhe derem sensivelmente o que ganha no Rio da Prata. Não pode ser!

Num outro artigo publicado mais tarde nesse mesmo ano, *O Distrito de Faro* interpretava em termos similares a preferência dos migrantes algarvios por determinados destinos:

Com as pequenas colónias portuguesas de trabalhadores que se estabelecem lá fora, a vida d'essas populações é cada vez mais facil, mesmo mais agradável. Cada um, quando sahe já tem lugar certo; pelos parentes e amigos que lá tem, já sabe o que vae fazer.¹⁰

Deste modo, o articulista identificava duas importantes forças motrizes da migração laboral transatlântica: a disponibilidade de informação e a ajuda entre familiares e conterrâneos. Ambas estas forças constituíram componentes fundamentais das redes migratórias que se desenvolveram durante o último quartel do século XIX e criaram laços entre o Algarve e a Argentina que perdurariam por mais de sete décadas.

A migração algarvia para a Argentina emergiu no contexto de uma longa tradição migratória regional e como parte de sistemas mais amplos de migração laboral que incluíam circuitos sobrepostos de migração interna, de meia distância e internacional. A existência de oportunidades de trabalho no outro lado do Atlântico, aliada a redes de contactos que facilitavam a mobilidade, criaram condições favoráveis à migração de algarvios para a Argentina. Redes sociais ligavam indivíduos, famílias e aldeias a sistemas de migração. Na viragem para o século XX, os migrantes

¹⁰ *O Distrito de Faro*, 3 de Outubro de 1912 e 21 de Março de 1912. O primeiro artigo foi reproduzido nesse mesmo mês noutros jornais regionais (por exemplo, no *Ecos do Sul*).

Maria vai com as outras

tinham já estabelecido na Argentina comunidades que sustentavam um fluxo regular de migrantes laborais e suas famílias. Mais importante ainda, a Argentina tornou-se, durante esse período, o principal destino ultramarino para os migrantes algarvios, e, na Argentina, os algarvios tornaram-se o principal grupo regional entre os portugueses. Por conseguinte, se a «Maria» decidia «ir com as outras», tal não resultava de qualquer contágio ou de um comportamento de imitação irracional, mas sim de uma estratégia laboral que permitia minimizar as incertezas da migração e maximizar os seus benefícios potenciais.

O presente livro analisa os contextos sociais, económicos e culturais nos quais tal estratégia se desenvolveu, as experiências daqueles que por ela optaram e os vários caminhos seguidos pelos migrantes que se estabeleceram em diferentes destinos. Adoptando a menos explorada perspectiva «sul-sul» (da Europa meridional para a América do Sul), este estudo visa esclarecer uma série de questões mais amplas relativas às migrações laborais transatlânticas, nomeadamente o modo como europeus rurais se tornaram trabalhadores transnacionais e contribuíram para o estabelecimento de diversas comunidades imigrantes nas Américas.

A migração portuguesa para a Argentina

Na Argentina, os migrantes portugueses eram parte de um influxo multiétnico de trabalhadores que começaram a chegar ao país em grande número durante o último quartel do século XIX, atraídos pelas possibilidades de trabalho e de estabelecimento, e encorajados por políticas migratórias que visavam atrair mão-de-obra e população europeias. Durante o apogeu da migração transatlântica em massa, a Argentina tornou-se um dos principais destinos de imigração, apenas ultrapassada pelos Estados Unidos em número de imigrantes, mas não quanto ao impacto deles sobre o crescimento sociodemográfico do país. Em resultado deste influxo, a população da Argentina quase quintuplicou entre finais da década de 1860 e o início da Primeira Guerra Mundial. Em 1914, os residentes de nacionalidade estrangeira representavam um terço da população do país – uma proporção muito superior à de qualquer outro destino de imigração contemporâneo.¹¹ A presença de migrantes

¹¹ Walter Nugent, *Crossings: The Great Transatlantic Migrations, 1870-1914* (Bloomington: Indiana University Press, 1992), 16-21; Dirk Hoerder, *Cultures in Contact: World Migrations in the Second Millennium* (Durham, NC: Duke University Press, 2002), cap. 14; Fernando Devoto, *Historia de la inmigración en la Argentina* (Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003).

Correntes de Ouro

portugueses antecede este período de migração em massa, recuando aos tempos coloniais; contudo, havia mais mudanças do que continuidades nesse movimento multissecular, particularmente no que diz respeito à sua composição socioeconómica e regional. É possível distinguir duas fases na migração portuguesa para a Argentina, cada uma delas com características socioeconómicas, demográficas e regionais distintivas. A chegada de um crescente número de algarvios em finais do século XIX assinalou o início de um novo tipo de imigração e marcou a transição entre as duas fases.

A primeira fase da migração portuguesa para a Argentina começou durante os anos iniciais da colonização espanhola, desenvolveu-se em pleno durante os séculos XVII e XVIII e prosseguiu a um ritmo mais lento até meados do século XIX. Não obstante as contínuas restrições da coroa espanhola ao influxo de estrangeiros nas suas colónias, os migrantes portugueses constituíam uma presença significativa em muitas cidades hispano-americanas, e o centro comercial de Buenos Aires não era excepção.¹² De facto, os portugueses formavam o grupo mais numeroso entre os estrangeiros de origem não hispânica.¹³ No século XVII, os migrantes portugueses eram, na sua maioria, artesãos e produtores rurais estabelecidos na região de Buenos Aires, em muitos casos combinando ambas as actividades. Rivalidades imperiais entre as coroas espanhola e portuguesa, exacerbadas pela ortodoxia religiosa, tornaram os portugueses alvo de desconfiança e discriminação. As autoridades coloniais acreditavam que muitos dos migrantes portugueses eram cristãos-novos de origem judaica e acusavam-nos de serem cripto-judeus. Apesar dos obstáculos criados por um ambiente hostil, muitos desses migrantes e seus descendentes acede-

¹² Louisa Schell Hoberman, «Merchants in Seventeenth-Century Mexico: A Preliminary Portrait», *Hispanic American Historical Review*, 57, n.º 3 (Agosto 1977): 479-503; James Lockhart, *Spanish Peru, 1532-1560: A Social History* (Madison: University of Wisconsin Press, 1968), cap. 7; Daviken Studnicki-Gizbert, *A Nation Upon the Ocean Sea: Portugal's Atlantic Diaspora and the Crisis of the Spanish Empire, 1492-1640* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2007).

¹³ R. de Lafuente Machain, *Los portugueses en Buenos Aires, siglo XVII* (Madrid: Tipografía de Archivos, 1931); Carlos Lemonde de Macedo, *Presencia e integración portuguesa en el Río de la Plata* (Santiago de Chile: Nascimento, 1961); Boleslao Lewin, «Los portugueses en Buenos Aires en el período colonial», in *VI Congreso Internacional de Historia de América*, vol. 4 (Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, 1980), 47-62; Eduardo Saguier, «The Social Impact of a Middleman Minority in a Divided Host Society: The Case of the Portuguese in Early Seventeenth-Century Buenos Aires», *Hispanic American Historical Review*, 65, n.º 3 (Agosto 1985): 467-91; Emir Reitano, «Los portugueses del Buenos Aires tardocolonial: Inmigración, sociedad, familia, vida cotidiana y religión» (tese de doutoramento, La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2005).

Maria vai com as outras

ram aos escalões médios e superiores da sociedade local – comprando terras, intervindo na esfera política e casando com as filhas da elite local. De acordo com alguns autores, os portugueses constituíam o mais antigo exemplo de uma bem-sucedida integração de migrantes no país que viria a ser a Argentina.¹⁴

A transformação de Buenos Aires na capital do vice-reino do Río de la Plata e o desenvolvimento do seu porto no contexto da economia atlântica emergente criaram novas oportunidades para os migrantes portugueses entre finais do século XVIII e inícios do século seguinte. Continuaram a registar-se medidas esporádicas de discriminação, com a administração Bourbon a criar novas regulações com vista a implementar o princípio tradicional da exclusão de estrangeiros dos territórios da coroa espanhola. A população local denunciou os efeitos negativos de tais medidas, já que muitos migrantes portugueses estavam envolvidos em atividades consideradas essenciais para a saúde económica da cidade. Em consequência, os éditos de expulsão e outras medidas restritivas raramente eram aplicados em pleno. Os portugueses constituíam um grupo socialmente diversificado que incluía um importante sector de mercadores de considerável afluência que tinham logrado estabelecer-se plenamente entre as famílias tradicionais de comerciantes e proprietários rurais, bem como um sector mais modesto composto por artesãos, trabalhadores marítimos, trabalhadores braçais, lojistas e agricultores.¹⁵ Após o advento da independência da Argentina, em 1810, os migrantes portugueses continuaram a chegar, se bem que a um ritmo mais lento. Em 1816, os portugueses continuavam a ser o segundo maior grupo de estrangeiros, logo a seguir aos espanhóis. Ao longo das décadas seguintes, porém, a sua importância relativa declinou, sobretudo devido ao desenvolvimento das migrações laborais transatlânticas da segunda metade do século XIX, numericamente dominadas pelos migrantes italianos e espanhóis.¹⁶

A comunidade portuguesa da Buenos Aires de meados do século XIX era o resultado desta presença de longo prazo. Havia importantes continuidades no que toca às características ocupacionais e demográficas da população portuguesa de Buenos Aires de finais do período colonial e

¹⁴ Lewin, «Los portugueses...»; e, em especial, Saguier, «The Social Impact...».

¹⁵ Reitano, «Los portugueses...», 55-60, 76-7, 100-5, 107-11, 124-7.

¹⁶ César García Belsunce, dir., *Buenos Aires, su gente, 1800-1830* (Buenos Aires: Emecé, 1976); Devoto, *Historia de la inmigración...*, cap. 5; Reitano, «Los portugueses...», 80-3.

Correntes de Ouro

da primeira metade do século XIX.¹⁷ Por exemplo, durante os inícios do século XIX, os migrantes portugueses eram, na sua maioria, trabalhadores portuários e marítimos, artesãos, mercadores e agricultores. Embora a importância relativa de algumas ocupações tenha flutuado ao longo dos anos, o perfil geral sofreu poucas mudanças ao longo da primeira metade de Oitocentos. Por meados do século, os marinheiros e trabalhadores marítimos, os artesãos, os mercadores e os trabalhadores comerciais constituíam dois terços da população activa. A mudança mais importante foi o declínio progressivo no número de trabalhadores rurais que se seguiu ao desenvolvimento de Buenos Aires como centro urbano. As continuidades eram também evidentes quanto a outras características da comunidade migrante portuguesa de Buenos Aires, em particular no que concerne às suas origens regionais. Durante o período colonial e os primeiros anos pós-independência, a maioria dos migrantes portugueses procedia das cidades do Porto e de Lisboa, bem como de localidades do Minho tradicionalmente associadas à emigração, como Viana do Castelo e Braga, e dos arquipélagos atlânticos, sobretudo os Açores. Por meados do século XIX, Lisboa e Porto consolidavam a sua predominância entre os locais de origem dos migrantes portugueses, enquanto a proporção de migrantes naturais dos Açores e da região nortenha do Minho declinava (quadro 1.1).

O último quartel do século XIX marcou o início de uma nova fase da migração portuguesa. Esta mudança torna-se evidente quando comparamos os perfis dos migrantes portugueses nos censos de 1855 e 1895. Enquanto o primeiro censo revelava uma comunidade bem estabelecida, cujas características sociodemográficas se assemelhavam às do período colonial tardio, o segundo sugeria chegadas mais recentes e a presença de uma população mais jovem de migrantes laborais, bem como uma

¹⁷ Estudei a evolução da comunidade imigrante portuguesa em Buenos Aires durante a segunda metade do século XIX com base na análise dos registos manuscritos dos censos de 1855, 1869 e 1895 – os únicos registos originais que sobreviveram às vicissitudes das práticas de conservação arquivística argentinas – e apresentei os resultados desta pesquisa nas seguintes publicações: «Los portugueses en Buenos Aires a mediados del siglo XIX: Una aproximación socio-demográfica», *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 4, n.º 12 (Agosto 1989): 353-82; «Características residenciales de los inmigrantes portugueses en Buenos Aires en la segunda mitad del siglo XIX», *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 6, n.º 18 (Agosto 1991): 223-47; «Portugueses en Buenos Aires en el siglo XIX: Características y evolución de una comunidad multiseccular», in *Emigração/Imigração em Portugal: Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (sécs. XIX-XX)*, org. Maria Beatriz Nizza da Silva *et al.* (Lisboa: Editorial Fragmentos, 1993), 308-22.

*Maria vai com as outras***Quadro 1.1 – Origens regionais dos migrantes portugueses na Argentina (percentagens)**

Local de origem	Período colonial (séc. XVII)	Meados do séc. XIX (1855)	Séc. XX (décadas 1930-1960)	
	Buenos Aires	Buenos Aires	Buenos Aires	Argentina
Aveiro	2,3	0,5	2,8	3,4
Braga	3,0	5,0	4,7	6,5
Bragança	–	–	4,1	2,8
Castelo Branco	0,8	–	2,1	3,3
Coimbra	3,0	2,5	3,0	2,7
Faro (Algarve)	3,1	0,6	41,4	34,1
Guarda	–	–	13,1	19,6
Leiria	3,8	–	3,3	5,3
Lisboa	16,8	41,8	3,0	1,8
Porto	20,6	34,3	0,9	0,9
Viana do Castelo	21,4	2,2	6,4	7,4
Viseu	1,5	0,6	4,4	5,5
Outros (continente)	8,3	5,6	6,8	2,9
Açores e Madeira	15,4	6,9	4,0	3,8
(Número)	(131)	(359)	(1 281)	(3 713)

Fontes: Lafuente Machain, *Los portugueses...*; Borges, «Portugueses en Buenos Aires en el siglo XIX...»; registos consulares, Arquivo do Consulado de Portugal em Buenos Aires. Os registos consulares sobreviventes cobrem sobretudo as décadas de 1940 e 1950 (75% dos migrantes registados entre 1941 e 1959). A maioria dos migrantes chegou após 1930 (70%). Para esta amostra, considerei os registos de migrantes cujo primeiro nome começava com a letra M.

crecente presença de mulheres e de famílias. Em 1855, os homens migrantes representavam mais de 95% da comunidade portuguesa, a sua idade média era de 41,5 anos e um terço deles vivia em Buenos Aires há mais de duas décadas. Em 1895, a proporção de homens caiu para 75% e a sua idade média era de 34,6 anos. Além disso, dois terços de todos os migrantes portugueses viviam com outros conterrâneos, o que indicava a presença de grupos de trabalhadores migrantes e suas famílias. No que concerne ao seu perfil ocupacional, registou-se um ligeiro aumento na proporção de jornaleiros e trabalhadores não qualificados, e um acréscimo considerável no número de carreiros e carregadores. Relatórios consulares de finais do século XIX e inícios do século XX corroboram este incremento no número de migrantes portugueses que trabalhavam no sector dos transportes. Em 1907, o cônsul português identificou mais de vinte importantes carreiros portugueses e registou a existência de «muitos mais portugueses que se ocupam d'este serviço possuindo cada um pe-

Correntes de Ouro

Quadro 1.2 – Imigração portuguesa na Argentina por década, 1857-1959

Período	Imigrantes (1)			Total de viajantes (2)		
	Chegadas	Partidas	Saldo	Chegadas	Partidas	Saldo
1857-1859	88	9	79	–	–	–
1860-1869	432	151	281	–	–	–
1870-1879	656	244	412	–	–	–
1880-1889	1811	660	1151	–	–	–
1890-1899	1653	1000	653	–	–	–
1900-1909	7633	3924	3709	–	–	–
1910-1919	17 570	7948	9622	–	–	–
1920-1929	23 406	8778	14 628	–	–	–
1930-1939	10 310	6650	3660	12 834	9312	3522
1949-1949	4230	2169	2061	8562	6102	2460
1950-1959	12 033	3937	8096	17 950	9055	8895
Total	79 822	35 470	39 346	39 346	24 469	14 877

(1) Para as estatísticas argentinas, «imigrantes» eram todos os passageiros de segunda e de terceira classes que chegavam ao porto de Buenos Aires vindos do ultramar. Calculei os números para os anos 1928-31, 1934 (apenas chegadas), 1935 e 1958-9 como percentagem do número total de viajantes portugueses nesses mesmos anos.

(2) Estes números incluem todos os viajantes portugueses independentemente da classe em que viajavam e do modo de chegada ou partida (por mar, rio, terra, ar).

Fontes: Dirección General de Inmigración, *Resumen estadístico del movimiento migratorio en la República Argentina, 1857-1924* (Buenos Aires: Ministerio de Agricultura de la Nación, 1925); Ministerio de Agricultura, *Memoria correspondiente al ejercicio de 1926* (Buenos Aires: Talleres Gráficos del Ministerio de Agricultura, 1927); idem, *Memoria correspondiente al ejercicio de 1927 presentada al Congreso de la Nación* (Buenos Aires: Talleres Gráficos del Ministerio de Agricultura, 1928); idem, *Memoria de Inmigración, Año 1937* (Buenos Aires: Talleres Gráficos del Ministerio de Agricultura, 1940); Dirección General de Inmigración, «Resumen estadístico del quinquenio 1923-1927» (Biblioteca de la Dirección Nacional de Migraciones [doravante designada Biblioteca DNM], Buenos Aires, mimeografado); idem, «Memoria», 1932, 1934, 1936 (Biblioteca DNM, mimeografado); Dirección Nacional de Migraciones, «Memoria», 1938, 1939-43, 1955-9 (Biblioteca DNM, mimeografado); idem, «Memorias y Estadísticas del movimiento migratorio», 1944-54; idem, «Cuadros inéditos: entradas, salidas y saldos, 1945-1976»; idem, «Entradas, salidas y saldos de extranjeros, 1875-1973» (Biblioteca DNM, mimeografado).

queno número de carros, em geral um, dois ou três». ¹⁸ Ao contrário da migração permanente ou de longo prazo da primeira fase, a migração desta nova fase era caracterizada por uma predominância de trabalhadores temporários. Os relatórios consulares apresentavam o padrão migratório dos portugueses como uma estratégia laboral com vista à poupança

¹⁸ Relatório comercial do cônsul Constâncio Roque da Costa, Buenos Aires, 8 de Maio de 1907, caixa 501, correspondência consular, AMNE. Veja-se também o relatório anual do cônsul Constâncio Roque da Costa, Buenos Aires, 25 de Março de 1901, caixa 500, correspondência consular, AMNE; carta do embaixador João de Souza Lobo, Buenos Aires, 17 de Julho de 1886, caixa 44, correspondência da Legação Portuguesa, AMNE.

Maria vai com as outras

de dinheiro e à melhoria de estatuto no seu país de origem, sobretudo através da aquisição de terras. Em 1886, o embaixador português comentou que muitos migrantes «têm adquirido um certo capital que vão empregar no seu paiz para regressar aqui».¹⁹ E, uma década mais tarde, o cônsul escreveu: «A principal aspiração d'essa gente é reunir algum pecúlio para comprar pequenas glebas de terra no seu paiz natal. Desde o mez de Abril, tenho aqui lavrado sete escripturas de compra e venda, e treze procurações públicas para o Reino.»²⁰

A migração portuguesa para a Argentina atingiu o seu pico durante as primeiras três décadas do século XX. Um número aproximado de 80 000 portugueses entrou na Argentina entre 1857 e 1959, 56% dos quais permaneceram no país (quadro 1.2). Destes, quase dois terços chegaram entre 1907 e 1931, e mais de 51% entre 1910 e 1929. Uma comparação entre as estatísticas da Argentina e de Portugal revela uma evolução similar, mas mostra também que as entidades portuguesas não registaram mais de um quarto das partidas para a Argentina.²¹ Sendo inicialmente um movimento de migrantes laborais temporários do sexo masculino, a migração portuguesa para a Argentina depressa se converteu, na segunda fase, num fluxo complexo que incluía a migração de famílias e o seu estabelecimento nesse país.

Fluxos regionais e redes locais

Uma das características mais distintivas desta segunda fase foi uma acentuada mudança quanto à composição regional dos migrantes, com zonas de origem tradicionais da migração portuguesa para a Argentina a serem substituídas por outras novas (quadro 1.1). Se o censo de 1855 registava a presença de apenas dois migrantes algarvios em Buenos Aires, no censo de 1895 a maioria dos migrantes portugueses cujo local de nascimento era indicado provinha do Algarve.²² Alguns observadores con-

¹⁹ Lobo, carta, 17 de Julho, 1886.

²⁰ Costa, relatório anual, 1 de Fevereiro, 1900.

²¹ Portugal, Ministério das Finanças, Direcção-Geral de Estatística, *Estatística Demográfica, Movimento da População, 1914-21* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1917-24); idem, *Anuário Estatístico, 1921, 1923-4, 1926-37* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1925-38); Portugal, Instituto Nacional de Estatística, *Anuário Estatístico, 1938-51* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1940-52); Portugal, Instituto Nacional de Estatística, *Anuário Demográfico, 1952-9* (Lisboa: INE, 1952-60). Para os números argentinos, veja-se o Quadro 1.2. A disparidade nas estatísticas da migração sugere a importância da migração clandestina a partir de zonas da Península Ibérica menos controladas pelas autoridades, sobretudo Gibraltar. Similamente, já que as estatísticas da imigração registavam sobretudo as chegadas ao porto

Correntes de Ouro

temporâneos tomaram nota desta mudança nos padrões migratórios, como ilustrado pelas frequentes referências a migrantes algarvios nos relatórios dos funcionários consulares portugueses em Buenos Aires. «A parte mais numerosa [dos migrantes portugueses] é de jornaleiros, geralmente oriundos do Algarve, que merece toda *sympathia* pelo seu comportamento regular, amor ao trabalho e apreciável espírito de economia», lia-se num relatório; outro relatório descrevia os migrantes algarvios em Buenos Aires como «gente de trabalho, soccegada e onesta que facilmente consegue ocupação».²³

Os migrantes algarvios continuariam a ser o maior grupo regional entre os portugueses na Argentina desde finais do século XIX até ao início da década de 1960, altura em que a migração portuguesa para esse país começou a declinar; foram seguidos por migrantes oriundos do distrito interior norte da Guarda, na região da Beira Alta, que pouca ou nenhuma participação tivera na fase inicial da migração. Nas décadas de 1910 e 1920, durante o apogeu da migração para a Argentina, Faro e Guarda eram os distritos de origem de 70% dos migrantes portugueses, ao passo que poucos outros distritos ultrapassavam a marca dos 5% (quadro 1.1). A principal diferença entre estes fluxos regionais estava na sua importância relativa dentro do contexto da emigração total de cada distrito. No caso dos migrantes algarvios, a Argentina era o principal destino, mas a sua proporção era menos significativa no caso dos migrantes da Guarda. Em média, durante as primeiras seis décadas do século XX, mais de metade dos migrantes algarvios optava pela Argentina, em comparação com os 14% de migrantes naturais da Guarda.²⁴

Apesar da importância das origens regionais, a chave para explicar a natureza da migração portuguesa para a Argentina durante o período de migração em massa deve ser procurada ao nível micro. Longe de generalizada ao nível regional, a migração era um fenómeno selectivo baseado em padrões locais de mobilidade geográfica. O mapa da migração por

de Buenos Aires a partir do ultramar, as estatísticas argentinas não reflectem por completo o número total de migrantes. A remigração de portugueses a partir de outros países, sobretudo o Brasil, e as travessias do rio a partir de Montevideo não eram submetidas a uma monitorização rigorosa por parte das autoridades locais.

²² Uma vez que a informação sobre a localidade ou distrito de origem não era obrigatória, os recenseadores de 1895 só a registavam em 5% dos casos.

²³ Relatório anual do cônsul Constâncio Roque da Costa, Buenos Aires, 1 de Fevereiro de 1900, caixa 500, correspondência consular, AMNE; e relatório anual do cônsul F. Mendes Gonçalves, Buenos Aires, 31 de Dezembro de 1888, caixa 498, correspondência consular, AMNE.

²⁴ Para as fontes, veja-se nota 21.